

Ser jovem é tudo? – Reflexão sobre a juventude das manifestações e do Papa Francisco

RAYMUNDO DE LIMA*

Vivemos a época do triunfo da juventude. O adulto quer ser jovem, o velho investe para parecer com menos idade ou mais jovem, também a criança quer ser adolescente ou jovem. Acabou a era da gerontocracia (significa poder dos mais velhos, do grego: *geron* = velho, ancião; e *cracia* = poder). Chefes de Estado e políticos de nossa época fazem marketing pessoal, para parecerem jovens, ativos e vigorosos. Também a mídia e o comércio usam jovens para promover seus produtos. A moda jovem predomina sem freios em escala global. Ser jovem na aparência, na essência ou existência, virou passaporte para felicidade pós-moderna.

A Juventude compreende a faixa de idade entre 15 e 24 anos de idade, de acordo com a ONU. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a juventude vai dos 12 aos 18 anos. A PEC da Juventude aprovada pelo Congresso Nacional em setembro de 2010, jovem é a faixa entre 16 à 29 anos.

Jovens: observando diferenças

Os jovens de todas as épocas e culturas possuem características comuns:

tendência à rebeldia, criticam tudo que se apresenta como conservador ou reacionário, são movidos por paixões e sonhos, não se importam com riscos, nem com as consequências de seus atos, tendem a ser contra a moral social. Até mesmo o Papa Francisco, numa de suas pregações na Jornada Mundial da Juventude/ 2013, reconhece nos jovens o direito à rebeldia e até conclama-os à “revolução”, claro, dentro do cânone cristão, para desacomodar a Igreja Católica de sua burocracia e gerontocracia.

As recentes manifestações de rua, no Brasil, a maioria jovens de classe média, parecem apontar para um novo tipo de fazer democracia direta. Ainda que os jovens parecem não gostar de política, sobretudo política partidária, acordaram para expressar sua indignação e revolta. Como analisou um professor, parece que eles não querem derrubar o governo, tal como os jovens da chamada *Primavera Árabe*. Mas eles demonstram indignação frente à corrupção e ao espírito faz-de-conta e de que está tudo-bem de boa parte da classe política brasileira.

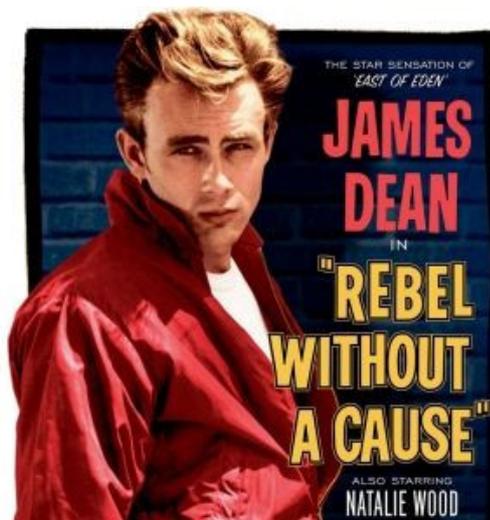


Os jovens de hoje parecem preocupados com seu futuro, num mundo globalizado e de forte tendência neoliberal. “Um mundo sem coração”, conforme observa Christopher Lasch (1991). Nossos jovens sabem que precisam ler e estudar, como meio de investimento numa carreira profissional, todavia, um levantamento realizado em 2005, apontou que 40,4% abandonaram a escola por falta de interesse¹. Em nossa convivência na universidade pública observamos que a maioria dos alunos estuda mais por pressão – sobrevivência curricular – do que por vontade própria; e o restante do tempo eles consomem horas na internet, são imediatistas, impulsivos, preferem produtos industrializados aos naturais, namoram ou ‘ficam’, não acompanham o noticiário, não gostam de política, usam substâncias para maximizar o prazer ou diminuir tendências depressivas, etc.

A adolescência e a juventude são fases importantes de escolhas de vida. O adolescente hoje sente mais pressão para descobrir a vocação profissional e saber com certeza a carreira que abraçará por toda a vida. Passando para a juventude, ele sabe que deverá tomar algumas decisões importantes, quer na vida pessoal, sexual, social, quer na vida profissional. Em ambas, predomina algo mais de paixão e menos de razão; algo de rebeldia, nem sempre pautado numa causa real.

¹ “Estudo baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que 40,1% dos jovens de 15 a 17 anos abandonam a escola por desinteresse e 27,1% saem por razões de trabalho e renda. O estudo foi realizado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV)”. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/noticias/geral/fgv-40-dos-jovens-deixam-escola-por-desinteresse,355679,0.htm>



O estilo jovem rebelde foi representado no cinema desde a década de 1950, em “Juventude transviada” (*Rebel without a cause*, “Rebelde sem causa” ou “Fúria de viver”, em Portugal), com James Dean, causou impacto na sociedade da época e inspirou milhares de jovens a seguir um estilo cheio de paixão, próximo da loucura, ou seja, com pouca ou nenhuma razão. O jovem rebelde, um “desviado” da moral social, foi produzido pela indústria cultural à partir da década de 1960. Efeitos deste estilo podem ser tanto negativo (drogadicção, delinquência, desrespeito aos pais, irresponsabilidade no trânsito) como positivo (a contracultura, crítica ao sistema capitalista, desconfiança para com pessoas com mais de 30 anos: assim alerta a música²).

Como não considerar positivo o “sonho grande” dos jovens década de 1960, 1970, para transformar radicalmente o mundo? O psicanalista Contardo Calligaris (2007) observa: “Ao longo de 30 anos de clínica, encontrei várias gerações de adolescentes (a maioria, mas não todos, de classe média) e, se tivesse que comparar os jovens de hoje

² “Não confie numa pessoa com mais de 30 anos”, diz a música: <http://www.youtube.com/watch?v=UjmuIB0H7NM>

com os dou 20 anos atrás, resumiria assim: eles sonham pequeno”.

Este ensaio foi publicado em 2007. Depois das manifestações de rua, em 2013, ainda não está claro qual é o sonho político dos jovens? Observando que cada um dos manifestantes de rua portava um cartaz com reivindicação própria, que parece uma particularização do seu protesto, me pergunto se seu sonho transformador do Brasil poderia ser “grande”? Inspirado em Calligaris (op.cit.), a diferença entre as duas gerações de jovens continua indicando que os daquela geração eram apaixonados pelas grandes causas políticas, seguiam uma bandeira ideológica ou a convocação da UNE, portanto, parecia existir uma razão-coletiva, ao contrário dos que hoje parecem movidos por uma paixão-individualista ou particular. Seriam estas manifestações frutos da pós-modernidade? Porque uma era lutar contra a ditadura militar no Brasil e nos países vizinhos; ou lutar contra a guerra no Vietnã, nos Estados Unidos, lutar contra a gerontocracia nos governos, contra a Guerra Fria, contra a possibilidade de uma guerra ou acidente nuclear. Daí a palavra de ordem da época “Paz e Amor”. A juventude também se deixava levar pela onda pop na música, nas artes e modo de ser *hippie*; o uso das drogas tinha um sentido de recreação, liberdade e protesto. As moças passaram a usar mini-saia, os rapazes deixavam os cabelos compridos, todos usavam calça jeans azul desbotada, como indicativo de liberdade e praticidade. Conflitos entre jovens e pais eram frequentes. O sentido disso tudo mudou com a nova geração de jovens de hoje, cujo sintoma último são mascarados sem liderança visível, sem comícios, sem ideologia definida, e com boa disposição para pichação e depredação dos prédios

particulares e públicos. Causa-me “espécie” (diria o Ministro Joaquim Barbosa), tanto a ineficiência do aparato de segurança oficial como a disposição sem-limites dos jovens, mascarados, para pichar obras de arte, danificar prédios históricos, etc. Como no Brasil ninguém se importa com a perversão da liberdade de expressão, porque para nossa cultura o que é público é de ninguém, sobra silêncio de connivência. E, obviamente, paga-se o preço de estigma e exclusão, quando alguém põe o dedo nesta ferida, como acabo de fazer.

Geração sem-SuperNanny

Nunca o jovem foi tão amparado pelas leis, mimos e pararicos dos pais, nunca comeu tanto *fast food*, bebeu tanto refrigerantes todos os dias, e cervejas e bebidas ‘ice’ para os maiores de idade. Depois de publicado o Estatuto da Criança e Adolescente, em 1990 (Lei n. 8.069), que, sem dúvida, representou um avanço na pauta dos direitos do ser humano, sem dúvida, este causou um efeito colateral no imaginário popular: de que as crianças e adolescentes tem mais direitos e poucos deveres.

A cultura ocidental “liberal e permissiva” (ŽIŽEK, 1999) ao absorver a juventude rebelde, o sistema forjou leis que autoriza à criança e aos adolescentes o exercício pleno da sua subjetividade. Até nos meios pedagógicos proliferam discursos que

“orientam os pais e professores a ‘não destruírem’ a subjetividade de seus filhos e alunos. Subjetividade que, na verdade, ajusta-se à Revolução Tecnológica, à informatização, à automação e à robotização e respondem pelas mudanças estruturais de nossa sociedade” (NAGEL, 2009, p. 133).



Protestos particulares no movimento coletivo

A sensação de impunidade, que leva adolescentes a cometerem crimes hediondos (noticiando amplamente pela imprensa) e o sentimento de culpa dos pais ausentes e dos professores impotentes, e dos legisladores alienados, terminam agravando mais ainda a vida urbana. Cada vez mais a sociedade é obrigada a conviver com uma nova geração de jovens sem referências quanto aos valores e responsabilidades de adultos, hoje visíveis na universidade e nos postos de trabalho. Chamado de geração Y e Z, os jovens que estão chegando aos postos de trabalho são considerados de difícil adaptação à cultura das empresas. Mesmo as empresas pós-modernas precisam fazer sua própria seleção e treinamento para ajustar os jovens aos demais nerds e cdfs.

Nunca na história da humanidade os adolescentes tiveram tanta energia para se divertir, mas sua pilha fica fraca para realizar os mínimos deveres ou responsabilidades domésticas. Nunca os adolescentes e jovens foram tão

distraídos em casa, na sala de aula, no trabalho, principalmente quando insistem usar o celular, fones no ouvido, que além de tirar a atenção à aula ou ao trabalho, pode causar irritação em alguns professores de mentalidade analógica. É uma geração fascinada pela tela: tudo que aparece na tela desperta maior interesse do que a realidade não editada, sem cortes ou ao natural³.

Conforme observa Nagel (2009), “Ainda que a pós-modernidade liberte seu grito hedonista, afirmando o crepúsculo do dever, a morte do moralismo, os modelos, os paradigmas, os referenciais que interferem na formação e na educação dos homens continuam, agora, mais do que nunca, revitalizados pela volatividade do mercado e pela força da publicidade, da

³ Mesmo em lugares cuja paisagem é deslumbrante, que oferece uma imensidão de formas, relevos, cores, os jovens hoje os jovens preferem ver o horizonte enquadrado na telinha do smartphone. A falta de concentração da criança e do jovem hoje é baixa, comparado com os mesmo de 30 anos atrás.

propaganda”. Isto é, a juventude de nossa época tende a ser mais que hedonista, gozoza (busca sempre o mais-gozar nas atividades); é avessa aos deveres e às regras de convivência, mas segue fielmente a onda pós-moderna do mercado e da publicidade, que imprime a ideologia do vale-tudo para gozar a vida e ser feliz ‘adoidado’.

Os jovens produzidos pela sociedade liberal e permissiva são guiados pelo “superego pós-moderno” (ŽIŽEK, 1999), cujo imperativo categórico é “você deve se divertir, já, e sempre”. Afinal, “a vida bem vivida consiste em curtir tudo, adoidado”. A contradição ou antinomia sempre fez parte da juventude. Assim, o movimento *Black Bloc*, que diz ser anticapitalista e anarquista, levou para casa roupas de griffê da loja Toulon, saqueada na rua Ataulfo de Paiva, no Rio de Janeiro (julho/2013). Antes, nos saques de Londres, a mesma contradição foi comentada por Bauman: eles responderam ao consumismo instigado pelo capital; claro, eles consumiram à sua maneira, saqueando e roubando objetos de marca, e não artigos de necessidade.

Jovens excessivamente urbanos, individualistas, com gosto *fast food* e que mais consomem drogas

Na década de 1970, minha geração se queixava da falta de conversas com os pais, sobretudo com o pai autoritário e repressor. Noutras palavras, minha geração se queixava da falta de escuta dos nossos pais, hoje a queixa é quanto a falta de escuta dos nossos filhos, jovens. O mundo ainda era fundado sobre a Lei-do-Pai, o Patriarcalismo. Hoje, vivemos o declínio e a extinção do sistema patriarcal (CASTELS, 1999; HURSTEL, 1999; LIMA, 2009), à despeito de alguns grupos feministas

“fascistas de gênero”⁴ (PONDÉ, 2013), que andam por aí chutando cachorro morto.

Hoje, próximo à velhice, sou um dos que reclamam da resistência dos jovens para ouvir e conversar, e a falta de boa vontade para nos ajudar no dia a dia doméstico. Esta geração de jovens é insensível, é anti-empatia? Nesta queixa, estou bem acompanhado com os psicanalistas e escritores Contardo Calligaris e Betty Milan, e pelo historiador Leandro Karnal, que, numa palestra diz: “Fui de uma escola que só os professores tinham razão. Hoje sou professor onde só os alunos tem razão” (You Tube). Ou seja, a incomunicabilidade e o relacionamento difícil entre pais filhos aumenta a probabilidade da incerteza no projeto de vida desses jovens quando adultos no futuro.

A juventude é uma importante etapa da vida porque representa transição da criança para o mundo adulto. Mas ela se transformou em um estilo de viver que tende a adiar a fase adulta. A adolescência tardia, que resistente às responsabilidades próprias da vida adulta, preferimos chamar

⁴ Luiz Felipe Pondé denomina “fascismo de gênero” as feministas que querem fazer a cabeça das meninas para brincar com carros e de meninos para brincar com bonecas, tudo em nome da “tolerância” e na “igualdade”. Também impor as mulheres heterossexuais “ficar sempre por cima para olhar nos olhos do opressor e jamais (preste atenção: eu disse jamais!), ao fazer sexo oral (melhor não fazer), “jamais engolir sêmen, que é excremento como xixi e coco” (Folha de S. Paulo, 10/06/2013). Deduzo, ainda, que as fascistas de gênero vivem o auto-engano que [Vaidas, Femem] somente hoje elas estão enterrando de vez o patriarcalismo, que há muito tempo está em declínio. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2013/06/1292354-bonecas-de-quatro.shtml>

‘adullescência’⁵. O fascínio pelo estilo dos jovens, sua energia, beleza e brilho, está na mídia e no olhar dos adultos de nossa época, parece produzir um tipo específico de engeuecimento dos próprios adultos para as contradições e loucuras dos jovens para além de rebeldes normais. Refiro-me ao individualismo, imediatismo, o fascínio pelos aparelhos eletrônicos, a substituição do presencial pela virtual, o viver adoidado, a atitude displicente e irresponsável quanto ao alcoolismo e as drogas, o gosto pela comida industrializada, que é uma atitude de contramão dos chamados ‘naturebas’ da década de 70, tudo representa um estilo de vida plenamente sintonizado com a sociedade liberal permissiva, globalizada, ‘líquida’, na expressão de Bauman.

Diante desta geração de jovens os pais e professores se acovardam para impor sua autoridade e regras justas de convivência social. (Nesse sentido, incluo a resistência de diminuição da maioria penal como um engeuecimento⁶ dos adultos,

especialistas ou não, influenciados pelo imperativo vale-tudo da sociedade liberal e permissiva). Os pais negligentes e permissivos de hoje serão vítimas dos próprios filhos no futuro, que serão insensíveis à sua condição de velhos, e possivelmente não terão empatia diante do sofrimento ou dor do seu próximo.

Hoje se constitui um sofrimento psíquico os professores serem próteses dos pais, isto é, cabe-lhes ensinar regras de higiene e civilidade que deviam ser tarefas da família. Está chegando à escola a geração de crianças incapazes de absorver ‘não’. Para ela tudo-pode, porque ela quer-tudo, sem limites nos desejos de fazer e ter. Digo sofrimento psíquico porque as pesquisas apontam um número elevado de professores afastados do trabalho por licença médica e psicológica (ver levantamento do Sindicato de Professores de São Paulo). Os professores que atuam há cerca de trinta anos nas escolas reconhecem que mudou o perfil das crianças e adolescentes: é visível neles a resistência para se submeter ao regulamento da escola (cumprir

⁵ Em “O desaparecimento da infância”, Neil Postman (1999) analisa que as crianças de nossa época são instigadas pela lógica do mercado e pela mídia para serem “adolescentes” (não adultos), e os adultos também são seduzidos para vestir, falar e sentir como se fossem adolescentes. A glorificação, portanto, é para todos serem nivelados como adolescentes. Noutra ocasião escrevi um breve ensaio sobre “adullescência”, tentativa de criar um novo termo para esta nova tendência dos adultos investirem numa auto-imagem tentando se passar como adolescente.

⁶ O sentido empregado não é de cegueira física ou somática, de patologia no olho, mas sim de “cegueira psíquica”, “cegueira histérica” ou simplesmente “engeuecimento”. “**Engeuecimento** tem na língua francesa, os sentidos figurados que ultrapassam a simples denotação da cegueira (*cécité*) física, ou seja, irreflexão falta de discernimento, deslumbramento, obcecação etc.”. A histeria pode ter um o sintoma de ‘não-ver’ algo, por

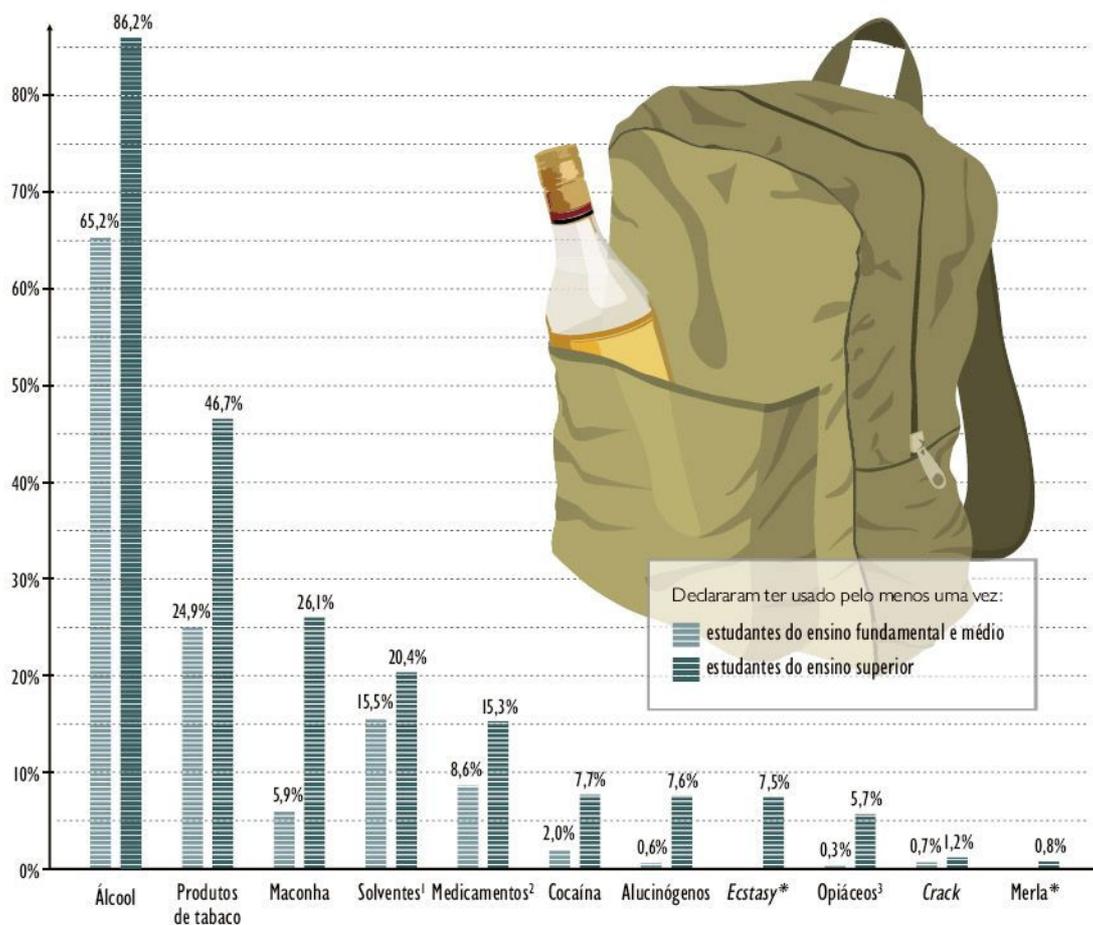
algun motivo perturbador, recalado. Podemos distinguir três níveis de engeuecimento: (a) pessoas saudáveis podem “não ver” algo devido ao ponto-cego, por exemplo, do carro, ao dirigir; (b) Uma mãe saudável pode não ver o filho se tornando obeso, talvez porque sua defesa impede de ela se sentir culpada; (c) A cegueira histérica, patológica, seria quando se impõe ao paciente “não posso enxergar”, que, no fundo é “não quero enxergar”, um repúdio de percepções perturbadoras. *made in* recalque. Assim, a cegueira histeria, patológica, se situa na mesma linha da surdez histeria, afonia histérica, paralisia histeria, cuja investigação psicanalítica exigirá um trabalho analítico para revelar os conflitos endopsíquicos, a formação de compromisso estabelecida no Eu, etc. (NASIO, J-D. **A histeria: teoria e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p.135; QUILES, M. I. **Neuroses**. São Paulo: Ática, 1986).

horários, mínimo silêncio durante a aula, indisciplina, evitar celular, etc.); existe neles – e reforçado pelos pais “defensores radicais dos direitos dos filhos” – a disposição para “execrar qualquer instrumento ou parâmetro

regulador de comportamentos, pois qualquer medida neste sentido não é só considerada uma invasão de privacidade como um abuso de autoridade” (NAGEL, 2009, p.135).

Universitários são parcela da população que mais consome drogas

Entre estudantes dos ensinos fundamental e médio, mais jovens, o número de usuários precoces é o que mais preocupa



*Dados não disponíveis para ensino fundamental e médio. 1. Lolô, cola de sapateiro, lança-perfume; 2. Ansiolítico, sonífero; 3. Morfina, heroína
 Fontes: Senad/Cebrid/V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, 2004
 I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras, 2010

Seguindo o estudo de Hannah Arendt (2001): é dever dos adultos mostrar aos mais jovens como o mundo é. A educação – que é proporcionada pelos mais velhos – se situa entre o passado e o futuro; e não fazê-lo é uma omissão educativa que deveria ser considerado crime. Cabe aos mais velhos (pais, professores, pedagogos, agentes comunitários, pastores, filósofos, etc.) a

função de transmitir o legado da civilização aos mais jovens; e sinalizar a eles os riscos do mundo e como se preparar para enfrentá-los. Deixar de se posicionar entre o passado e o futuro, “educar”, é deixar livre o caminho para a barbárie.

Em vez de esperar que novas leis possam coibir os excessos da juventude, os adultos devem ser exemplos de vida

digna e sabedoria. Em vez dos adultos sustentarem uma atitude de fascínio paralisante para com a juventude, urge uma nova cultura de pais e adultos para além do permissivismo hedonista, para além do relativismo pós-modernista, cujo ponto comum é: a “negação de qualquer diretividade”, a “exaltação das subjetividades”, “a paixão pelo Ego”, e o engeguecimento para com os valores universais que sustentam os pilares da civilização.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 238-9. (Tb.: *Hannah Arendt pensa a educação* [v.4]. **Revista Educação**/ Ed. Segmento, 2006)

CALLIGARIS, Contardo. Os sonhos dos adolescentes. In: **Folha de S. Paulo – cad. Ilustrada**, 11 de janeiro de 2007.

CANTINAS SAUDÁVEIS: **A experiência do Paraná. Lei 14.423/2004**. Disponível em: http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/cantin_as_saudaveis.pdf

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na

era da informação. In: **O poder da identidade** – v. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HURSTEL, Françoise. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas: Papyrus, 1999.

LIMA, Raymundo. O declínio da autoridade: efeitos na família e na escola. In: **Educação séc.21: múltiplos desafios**. Maringá: Eduem, 2009. Tb. disponível em: http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Es_pacoAcademico/article/view/8660/4812

NAGEL, Lizia. Impossibilidade de educar para a não-violência? Reflexões preliminares (p.127-139). In: **Sociologia da Educação: Olhares para a escola de hoje**. Maringá: Eduem, 2009. [Formação de professores – EaD; n. 10].

PONDÉ, Luiz Felipe. Bonecas de quatro. In: **Folha de S. Paulo**, 10/06/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2013/06/1292354-bonecas-de-quatro.shtml>

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio: Graphia, 1999.

ŽIŽEK, Slavoj. O superego pós-moderno. In: **Folha de S. Paulo – Mais!** 23/ maio/ 1999: 5-8.

Recebido em 2013-08-04
Publicado em 2013-08-05



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM).